

flo.coluna@gmail.com

FLÁVIA OLIVEIRA

Política embolorada

Há quase cinco meses, a sociedade carioca acompanha o enredo da denúncia de agressão de Pedro Paulo Carvalho, secretário de Coordenação de Governo da Prefeitura do Rio, a Alexandra Marcondes Teixeira, com quem foi casado. Às vésperas do 8 de março, Dia Internacional da Mulher, cabe lamentar que a avalanche de informações não tenha resultado em algo positivo nem na política local nem em ações de combate à violência doméstica. Discutido à exaustão na imprensa e nas redes sociais, era de se esperar que o escândalo da vez empurrasse as mulheres para os holofotes da corrida eleitoral carioca em 2016. No entanto, o que se vê nos partidos é a mobilização monótona em torno dos candidatos de sempre. E o que se ouve do PMDB fluminense é a narrativa velha de guerra, que primeiro nega, depois justifica a agressão e, por fim, desqualifica a vítima.

Na denúncia original, de 2010, a então mulher do candidato favorito do prefeito Eduardo Paes à própria sucessão declarou ter levado socos e pontapés do marido. Quando a queixa veio a público, ela negou as agressões. Pedro Paulo, de início, justificou a violência como momento de des-temper. Mais tarde, passou a dizer que não bateu, teria se defendido da fúria da ex. Agora, em inquérito autorizado pelo ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, e a Polícia Federal vão buscar a verdade. Pedro Paulo, deputado federal licenciado (PMDB-RJ), tem direito a foro privilegiado.

O Brasil é um país com larga folha corrida em atos de violência contra a mulher. Agressões e assassinatos integram o noticiário diário, de Norte a Sul. O cânoneiro popular é repleto de letras nas quais homens ameaçam, espancam e até matam companheiras. Não por acaso, um arcabouço jurídico-policia — tais como delegações de atendimento à mulher, telefone para receber denúncias (180), Lei Maria da Penha e Lei do Femicídio — foi estruturado para cobrir tanto a brutalidade quanto a tolerância social a ela.

Mais recentemente, a sociedade civil vem aprofundando o debate sobre direitos da mulher em campanhas como #primeiroassédio, #neumigo-secreto e #agoraéqueasóelas. Sem falar nas passeatas contra o projeto de lei que dificulta o acesso legal ao aborto, proposto pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Tãmanha mobilização sugere que as mulheres brasileiras não apenas exigem como merecem uma nova postura dos donos da política. Mas, diante da queixa de agressão contra um "prefeitável", os caciques do PMDB local reproduziram a velha máxima "em briga de marido e mulher, não se mete a colher". O governador Luiz Fernando Pezão chegou a dizer à revista "Poder" que "tem de ver qual foi o motivo (da agressão)", como se houvesse justificativa para atos de violência. Um capítulo condenável da vida privada de um político jovem e em ascensão veio a público, e a sociedade assistiu à repetição de estereótipos.

— As mulheres estão falando a partir das ruas, porque no espaço da política estão silenciadas. Ele está tomado pelos homens, principalmente os homens brancos, que agem em prol de seus próprios interesses — dispara Jurema Werneck, da ONG Criola, de mulheres negras.

— A grande surpresa seria ouvir do universo masculino outro discurso. Mas as reações no mundo político foram as esperadas. E, infelizmente, houve eco em outros setores da sociedade. Isso explica em parte o desinteresse das mulheres em se candidatar no Brasil. O sistema político não é acolhedor — diz Theresza Lobo, do movimento Rio Como Vamos.

Outra narrativa passaria pela consciência de que atitudes de homens públicos podem influenciar o cidadão comum que, ainda ontem, partiu para cima da mulher sem pensar que cometia um crime. O prefeito Paes, o governador Pezão, o presidente do PMDB-RJ, Jorge Picciani, deveriam ter feito do episódio uma plataforma para repudiar a violência doméstica. O secretário Pedro Paulo desperdiçou a chance de falar ao eleitorado, com sinceridade, sobre como o Brasil erra ao banalizar e justificar agressões a mulheres. Novidade seria vê-lo palestrando sobre o episódio e propondo políticas contra agressões conjugais. Arrependimento e reintegração são o que a sociedade espera dos que violam o pacto de legalidade que a sustenta.

Para completar, os partidos fluminenses estão desperdiçando a oportunidade de abrir portas a candidaturas femininas e, assim, levar adiante o debate sobre violência doméstica e tantos outros de interesse da cidade sob outra ótica. As legendas têm até 5 de julho para formalizar as chapas. Até aqui, a única possível candidata é a deputada federal Clarissa Garotinho (PR). O deputado estadual Marcelo Freixo (Psol) promete ter uma mulher como vice. O PSDB entrou na briga por Carlos Roberto Osório, ex-secretário municipal e estadual de Transportes. ●

2 ^o JOSE EDUARDO AGUIALUSA	3 ^o MARCUS FAUSTIN	4 ^o FRED COELHO	5 ^o FLÁVIA OLIVEIRA	6 ^o ZELIA DUNCAN	SAB MARCIO TAVARES D'AMARAL	DOM FERNANDO CABEIRA
--	-------------------------------------	----------------------------------	--------------------------------------	-----------------------------------	--------------------------------------	----------------------------

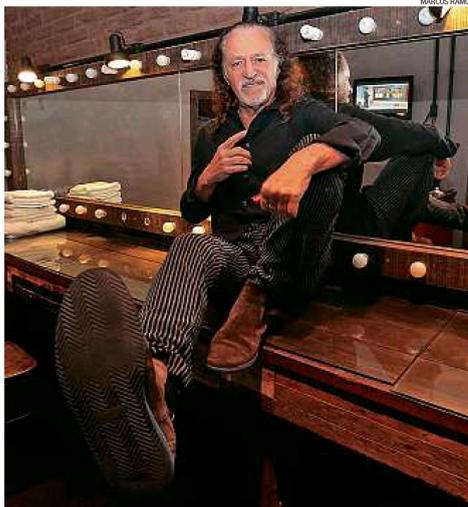
Gente Boa

CLEO GUIMARÃES

Email: genteboa@oglobo.com.br e Blog: http://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/
COM MARIA FORTUNA E FERNANDA PONTES

ELE FALA MESMO

Em show, Alceu Valença critica o cenário atual da música brasileira: 'Está tudo uma bosta!'



Sem censura. Alceu Valença no camarim: "O que estão fazendo com a nossa música?", diz

Alceu Valença soltou o verbo em seu show, anteontem. "Gente, temos que fazer alguma coisa, o que estão fazendo com a nossa música? Está tudo uma bosta!", bradou ele, no palco do Teatro Net Rio.

Foi o cantor mandar essa para ouvir da plateia: "É isso mesmo! Wesley Safadão! Alceu, então, preferiu não dar nome aos bois. "Bom, você é que está dizendo... Se não gosta, o problema é seu".

Antes disso, ele falou dos planos para este ano. "Tenho um projeto de levar a nossa música para o mundo, aí resolvi captar dinheiro", disse. "Primeiro, tente o Eike... Agora vou tentar a Rouanet".

A ideia, brincou o cantor, é "pegar um navio tipo Roberto Carlos", com o público a bordo, numa viagem rumo a Portugal. Em seguida, Alceu cantou, com sotaque lusitano: "A todo mundo eu dou psiu/ psiu, psiu, psiu".

Olivia Fürst

Separação: o final feliz é possível

Pioneira na advocacia colaborativa no Brasil, que defende o acordo entre as partes sem levar a briga à Justiça, Olivia Fürst dará curso sobre o assunto no POP. Ela falou à coluna.

• **Dias atrás, a internet foi invadida por mulheres dizendo-se exaustas com a maternidade. A lei da guarda compartilhada trouxe mais responsabilidade aos homens?**

Sim, mas é preciso mais. As mulheres ficaram muito sobrecarregadas como cuidadoras e provedoras. É preciso dividir cada vez mais o papel de cuidador com o homem. Isso alivia essa pressão que as mulheres estão declarando nas redes sociais. Filho não é mais assunto só da mãe.

• **Algumas separações acontecem depois de uma traição, o que acaba envolvendo mágoa e sentimento de vingança. Como fazer com que isso**

não prejudique ou magoe o filho?

O fundamental é não envolver o filho nessas questões que dizem respeito tão somente ao casal. Eles não têm nada a ver com isso. Um homem que teve um relacionamento fora do casamento não significa que será um mau pai. As relações não podem se contaminar. E é sempre interessante ter um acompanhamento psicológico para administrar sentimentos como a mágoa, a raiva e o respeito. Divórcio é um processo emocional, antes de ser jurídico.

• **Pode citar algum exemplo de caso com final feliz numa separação complicada?**

Tenho um cliente que enfrentou problemas financeiros e não podia mais pagar pensão. Ele e a ex-mulher dispensaram a babá, ele assumiu o papel de cuidar da criança e reduziu a pensão. A criança ficou feliz da vida e todo mundo saiu ganhando.

O QUE ELA QUER, MARIO ALBERTO?

Foi contando ao marido Mario Alberto tudo que desejava fazer na cama (no vídeo "Sobre a mesa", do Porta dos Fundos) que Julia Rabello caiu na boca do povo. Mas na pele da lésbica Ursula, de "A regra do jogo", ela ganhou projeção nacional.

Assim que a novela acabar, Julia terá um programa só seu no GNT. "É um misto de ficção e realidade. Vou entrevistar pessoas e viver situações", conta. Ela também planeja dois monólogos. "Sou de galera, mas ando numa correria louca. Monólogo é uma forma de não dar furo em ninguém".

Julia ainda quer ter um filme com Marcos Veras, com quem está há 11 anos. "Outro dia, disseam: 'Vocês ainda estão juntos? Me senti tipo Tarcísio e Glória'.



Comédia e drama. Julia: dois monólogos

Intolerância na rede

Advogado de Tico Santa Cruz, que acaba de denunciar à Delegacia de Repressão a Crimes de Informática 25 usuários do Facebook por injúrias e ameaça de morte, Renato Teixeira de Sousa criou uma campanha de combate à intolerância na internet — e agora vai convidar Tais Araújo e Maria Julia Coutinho, a Maju, para se engajarem na causa. "Eles sofreram racismo na rede, as pessoas não entendem que isso é crime!", diz Renato, do Coletivo de Advogados do Rio.

A tal da 'química'

Isis Valverde e Fabrício Boliveira voltam a formar um casal na ficção. Vai ser no filme sobre Wilson Simonal, com direção de Leonardo Domingues e roteiro de Geraldo Carneiro, que começa a ser gravado no segundo semestre. Eles interpretaram João de Santo Cristo e Maria Lúcia em "Faroeste caboclo".

Primeiro assédio

Karine Teles, a atriz que interpretou a patroa de Regina Casé em "Que horas ela volta?" leu, de surpresa, um texto em que contava ter sido vítima de assédio quando era criança. Ela fez o desabafo anteontem, no show-manifesto feminista "Primavera das mulheres" no Solar de Botafogo. Leia abaixo um trecho.

Amarga lembrança

"Era um 'tio' que eu gostava muito, e hoje sinto uma gigantesca pena dele e da sua confusão. Da sua dificuldade de lidar com suas emoções e desejos, a ponto de apalpar os seios inexistentes de uma menina que tinha uns 8 ou 9 anos. Agora eu tenho dois filhos. Dois. Homens. Eu espero que eles se emocionem. Que falem. Que pensem. Que conversem sobre qualquer coisa. E que eles amem, que eles amem!".

Legado olímpico

A prefeitura vai publicar chamada pública no Diário Oficial esta semana para as empresas interessadas em administrar o Parque Olímpico da Barra depois dos Jogos. Fazem parte do pacote a concessão das três arenas cariocas — onde serão realizadas provas como as de basquete, por exemplo, além do velódromo e o centro de tênis. "Não vamos esperar que essas instalações virem elefantes branco's", diz Jorge Arraes, secretário de concessões de parcerias público-privadas do Rio.

Ney Latorraca denuncia

Em tempos de zika, dengue e chikungunya, Ney Latorraca, que caminha diariamente na Lagoa, manda avisar: "Tem um bolsão de água parada, há dias, no gramado entre os quiosques da Keka e o Palaphita. Crianças e mulheres grávidas fazem piqueniques ali, é uma tragédia anunciada."

Atenção, nação rubro-negra



Na TV. Zico: garoto-propaganda de campanha

Maior ídolo da história do Flamengo, Zico, o aniversariante do dia — hoje ele completa 63 anos — é a estrela da campanha do "Censo Rubro-Negro", que o clube lança na TV. O Fla quer conhecer melhor sua imensa torcida e escalou o Galinho para convocar a nação a participar. As informações ajudarão o clube a se relacionar melhor com seus fiéis seguidores e também com patrocinadores.

Curtinhas

• **O musical** "Mulheres à beira de um ataque de nervos", adaptado por Miguel Falabella, inicia temporada carioca amanhã, no Oi Casa Grande. Paulo Knauss e Marly Motta lançam "Nos tempos da Guanabara", amanhã, na Biblioteca Parque. Nilza Carvalho e Glória Perez serão homenageadas na festa pelo Dia Internacional da Mulher, sábado, 12, na Gafieira Estudantina.